



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE AUDIOVISUAIS E PUBLICIDADE
CURSO DE PUBLICIDADE E PROPAGANDA

CAROLINA FICHE SEABRA KAUFFMANN DO NASCIMENTO

**O ESTADO DA ARTE DAS PESQUISAS E DA PRODUÇÃO
LIVRESCA INFANTIL NAS UNIVERSIDADES BRASILEIRAS**

Brasília
2023

CAROLINA FICHE SEABRA KAUFFMANN DO NASCIMENTO

**O ESTADO DA ARTE DAS PESQUISAS E DA PRODUÇÃO
LIVRESCA INFANTIL NAS UNIVERSIDADES BRASILEIRAS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade de Comunicação (UnB), como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda.

Orientadora: Profa. Dra. Carina Ochi Flexor

Brasília
2023

NASCIMENTO, Carolina Fiche Seabra Kauffmann do. **O estado da arte das pesquisas e da produção livresca infantil nas Universidades brasileiras.** 2023. 45 f. Monografia (Graduação) – Curso de Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda – Universidade de Brasília – UnB, Brasília, 2023.

Monografia de autoria de Carolina Fiche Seabra Kauffmann do Nascimento, intitulada O estado da arte das pesquisas e da produção livresca infantil nas Universidades brasileiras, apresentada como requisito para obtenção do grau de bacharel em Publicidade e Propaganda da Universidade de Brasília (UnB), em 20 de julho de 2023, avaliada pela banca examinadora abaixo assinada.

Profa. Dra. Carina Ochi Flexor (UnB) | Orientadora

Profa. Dra. Suelen Brandes Marques Valente (UnB) | Examinadora Interna

Profa. Dra. Renata Alves de Albuquerque Othon (IDP) | Examinadora Externa

20 de julho de 2023

AGRADECIMENTOS

Esta pesquisa é dedicada a todos e todas que fizeram parte da minha longa trajetória acadêmica iniciada em 2012. Inegável o auxílio de inúmeros professores, professoras, funcionários da técnica, funcionários da secretaria, zeladores e funcionários da limpeza, sem eles a formação em duas graduações seria inimaginável. Agradeço nominalmente a Profa. Dra. Carina Flexor, minha querida orientadora, que compartilha do universo livresco infantil tão apaixonadamente quanto eu. Foi um prazer caminhar ao seu lado e beber de suas inúmeras referências nesta jornada. Ao querido Prof. Dr. Wagner Rizzo, aquele que me despertou o olhar para a produção publicitária, produção literária e me ensinou que tudo é possível, desde que se tenha fôlego e vontade, meus sinceros agradecimentos por ter mudado a minha forma de pensar o mundo.

Um destaque especial para a Profa. Dra. Monique Aparecida Voltarelli, docente da faculdade de educação, que tive a honra de participar da matéria educação infantil. Ela foi a responsável por me inspirar e despertar a vontade de defender, pesquisar e considerar sempre as crianças em sua inteireza sob a ótica da sociologia da infância. Fazer parte do grupo de pesquisa GEPESI (Grupo de Estudos e Pesquisa sobre os Estudos Sociais da Infância) e integrar o trabalho de iniciação científica intitulado "Infâncias nas produções científicas da Universidade de Brasília" coordenado e desenvolvido por ela foi de suma importância para que esta pesquisa pudesse se tornar realidade.

Escrever nominalmente todos os professores que me inspiraram e que foram, em alguma instância, cruciais para esta pesquisa seria impossível, posso dizer apenas que tem um pedaço deles em cada linha aqui escrita. Guardo comigo o meu enorme respeito a cada um de vocês, foi através das mais de mil aulas assistidas e desfrutadas, que meu pensamento crítico foi tecido e apoiado sob suas múltiplas referências que me formei.

Agradeço a possibilidade de integrar por mais de dez anos uma faculdade pública brasileira, obrigada Universidade de Brasília, agora consigo dizer que eu fiz da minha graduação a mais completa possível. Jamais esquecerei do que vivi e aprendi aqui.

Foram graduações marcadas por quatro anos de trabalho em empresas juniores, agradeço às vivências, amigos, trabalhos produzidos e conhecimentos gerados, obrigada Doisnovemeia e Pupila Audiovisual.

Agradeço a profa. Dra. Janara Sousa por ter me introduzido no universo das pesquisas científicas e por ter me permitido viver experiências tão maravilhosas junto às adolescentes. Tenho muito orgulho de ter feito parte da pesquisa "Escola de app: enfrentando a violência online contra meninas". Um projeto incrível que me possibilitou enxergar a extensão e pesquisa como parte do meu ensino. Jamais esquecerei a honra de entrar nas escolas públicas do DF e aplicar uma pesquisa com as adolescentes, foi a partir dessa vivência, que o tema crianças e infâncias foi se tornando cada vez mais consolidado dentro da minha trajetória acadêmica.

Agradeço à minha parceira Yolanda Ricarte por ter feito comigo o meu primeiro TCC sob a orientação do prof. Edmundo Brandão, foram momentos e processos tão prazerosos que deu vontade de repetir a dose.

Aos vários amigos e amigas, tanto da vida pregressa quanto aos que fiz na Faculdade de Comunicação, muito obrigada, por terem me apoiado e acreditado em mim nas inúmeras vezes que duvidei do meu potencial. Vocês sabem quem são e sempre foram incríveis.

Aos meus pais, Fabíola e Willy, obrigada por terem colocado como prioridade número um o meu ensino, honro e agradeço sempre o esforço de vocês com a minha formação. Minha irmã, Nicolle, agradeço seu incentivo e força para que eu concretizasse todos os meus sonhos. Aos meus avós, anjos que iluminam meu caminho desde o dia que eu nasci, muito obrigada por acreditarem em mim. E a minha psicóloga, que muito provavelmente deve saber este TCC decorado de tanto que ele foi falado, muito obrigada.

E por fim, e nunca menos importante, ao meu marido, André Nogueira, sem você eu não conseguiria vivenciar todos os meus sonhos. Obrigada por sempre me incentivar e acreditar em mim, seja na longa vivência acadêmica ou com as minhas várias graduações no Kung Fu. Eu amo você e a todos aqui listados.

RESUMO

As Universidades brasileiras, organizadas por áreas de conhecimento – conforme parâmetros do CNPq/Capes –, são constituídas por distintas faculdades, departamentos e cursos e, a partir do ensino, pesquisa e extensão, produzem conhecimentos, técnicas, tecnologias e diferentes produtos que impactam a formação de diversos discentes, reverberando também sobre o tecido social. Concomitantemente, editoras universitárias se constituem como órgãos ativos e integrados ao projeto institucional de formação, produção e divulgação científica das universidades a que pertencem. Para além da produção das citadas editoras, são muitos os campos do saber que se interessam pela pesquisa acerca do livro infantil. Das letras, artes, design, linguística, à comunicação, investigações e produções para esse público se pulverizam sinalizando para a relevância do campo editorial voltado para as crianças. Nesse contexto, o presente estudo teve como objetivo mapear – considerando as universidades públicas brasileiras – as pesquisas e produções livrescas voltadas para as infâncias. De abordagem dedutiva, a pesquisa de caráter qualitativo-exploratório, fez uso da revisão de literatura e coleta de dados secundários em diferentes bases de dados. A partir de autores como Zilberman (1990), Freire (2011) e Bufrem (2001), os dados coletados foram sistematizados, analisados e comparados. Como inferências, pôde-se observar um número significativo de grupos de pesquisa de diferentes áreas interessadas na pesquisa acerca do livro, leitura e literatura para as infâncias, assim como se constatou um número expressivo de produção de livros, sobretudo, na área das ciências da saúde. Por fim, destaca-se que a pesquisa voltada para o livro infantil é considerada recente, o que, de alguma forma, explica o estado da arte atual do campo.

PALAVRAS-CHAVES: comunicação; universidades; editoras universitárias; pesquisas e produções livrescas; infâncias.

ABSTRACT

Brazilian Universities, organized by areas of knowledge – according to CNPq/Capes parameters – are made up of different faculties, departments and courses and, based on teaching, research and extension, produce knowledge, techniques, technologies and different products that impact the formation of several students, also reverberating on the social fabric. At the same time, university presses constitute active bodies integrated into the institutional project of training, production and scientific dissemination of the universities to which they belong. In addition to the production of the aforementioned publishers, there are many fields of knowledge that are interested in research on children's books. From letters, arts, design, linguistics, to communication, investigations and productions for this public are pulverized, signaling the relevance of the editorial field aimed at this public. In this context, the present study aimed to map – considering Brazilian public universities – research and book productions aimed at childhood. With a deductive approach, the qualitative-exploratory research made use of literature review and collection of secondary data in different databases. Based on authors such as Zilberman (1990), Freire (2011) and Bufrem (2001), the collected data were systematized, analyzed and compared. As inferences, it was possible to observe a significant number of research groups from different areas interested in research about books, reading and literature for children, as well as a significant number of book productions, especially in the area of life sciences. Finally, it should be noted that research focused on children's books is considered recent, which, in a way, explains the current state of the art in the field.

KEYWORDS: communication; universities and colleges; university presses; book research and productions; childhood.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. ASPECTOS TEÓRICO-CONCEITUAIS	14
2.1 Infâncias e o panorama da produção livresca infantil no Brasil	14
2.2 Livro, leitura e educação.....	20
2.3 Universidade e a pesquisa no campo	23
2.4 Editoras universitárias e a produção no campo editorial infantil	25
3. ASPECTOS METODOLÓGICO	27
3.1 Aspectos teóricos-metodológicos.....	28
4. DISCUSSÕES E RESULTADOS	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
REFERÊNCIAS	43
APÊNDICE 1	47
ANEXO 1	51

1. INTRODUÇÃO

A mídia tem sido recorrentemente apontada – sobretudo desde o consumo da televisão –, como protagonista de transformações das infâncias. Notadamente, a aproximação crescente das crianças com os meios de comunicação se dá não apenas pela ubiquidade e barateamento crescente dos artefatos tecnológicos, como se deve, também, ao deslocamento do lazer dos espaços públicos para os espaços familiares/privados, das ruas para as salas de estar/quarto (BUCKINGHAM, 2007, p. 105). Essas mudanças transformam o lúdico e os modos de brincar, assim como a visão/perspectiva de mundo desses sujeitos que convivem, cada vez mais, com a presença de diferentes artefatos tecnológicos nos seus cotidianos.

No contexto, então, em que o acesso e consumo midiático por crianças vem se tornando cada vez mais frequente, seus usos e apropriações, em determinados estratos da sociedade, passaram a ser naturalizados, impactando na maneira com que as gerações constroem suas próprias individualidades, identidades e culturas (OTHON, 2021, p. 23).

Embora as práticas de leitura do livro sofram com os dispositivos tecnológicos de leitura, o livro, tecnologia dos espaços educacionais, é elemento presente na vida de uma parte da população, a depender do acesso social que se tem do mesmo.

A depender da faixa etária, notadamente, a leitura mediada por familiares e a contação de histórias, em instituições de ensino ou fora delas, se conformam como práticas incentivadoras da imaginação, mas também consolidadoras de reflexões/percepções das realidades. Os fatos, as cenas e os contextos são do plano do imaginário, mas os sentimentos e as emoções transcendem a ficção e se materializam na vida real. (RODRIGUES, 2005, p. 4). Notadamente, a contação de histórias é uma atividade fundamental que transmite conhecimentos e valores, sua atuação é decisiva também na formação e no desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem.

A questão do baixo índice de leitura, principalmente de literatura, no Brasil ainda é um problema alarmante. A falta de acesso amplo à educação de qualidade, índice de analfabetismo considerável, falta de incentivo à cultura, inserção de novas

mídias sociais e maior presença das crianças em ambiente digital vem colaborando com a falta de interesse tanto das crianças, quanto dos pais no estímulo à literatura de qualidade.

Enquanto o uso de dispositivos tecnológicos por crianças, conforme registra a Pesquisa TICs Kids¹, aponta para uma crescente, por outro lado, o acesso aos livros e à leitura tem diminuído, conforme registra a Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil². Ainda de acordo com essa última pesquisa, o acesso ao livro e à leitura acaba variando conforme região, grau de escolaridade dos pais, classe social e, ainda, são impactados, a depender da idade, pela mediação de mães e pais, notadamente, incentivadores do consumo livresco. A pesquisa indica ainda a decrescente leitura de livros indicados pelas escolas, representando uma baixa na penetração dos livros trabalhados por essas instituições. Mais além, a referida pesquisa pontua que a faixa etária dos 5 a 10 anos indica uma frequência relativamente satisfatória de consumo de literatura no país. Um indicativo que ainda que o Brasil não esteja internacionalmente bem colocado nos hábitos de consumo livresco/leitura, o público infantil ainda assume papel de destaque. Uma das razões para a frequência relativamente satisfatória dá-se por influência da família. Embora livros sugeridos pela escola tenham baixa adesão pelas crianças, os pais tornam-se, frequentemente, os grandes responsáveis pelo consumo livresco.

Em meio a inúmeras investigações que se dedicam aos estudos da relação das mídias, sobretudo a digital, e as infâncias, o presente trabalho coloca, então, ao centro as pesquisas e produção dos livros infantis pelas Universidades Públicas brasileiras, acreditando que as práticas de leitura – e brincar a partir dos chamados livros-brinquedo³ – colaboram com a construção social da infância, da sua identidade, do

¹ A pesquisa TIC Kids Online Brasil tem como objetivo gerar evidências sobre o uso da Internet por crianças e adolescentes no Brasil. Realizada desde 2012, a pesquisa produz indicadores sobre oportunidades e riscos relacionados à participação *on-line*. Para acessar a pesquisa: <https://cetic.br/pt/pesquisa/kids-online/>.

² A Pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil* é realizada pelo Instituto Pró-Livro a partir de 2007 e chega à sua 5ª edição em 2019 (lançada em 2020). É a única pesquisa em âmbito nacional que tem por objetivo avaliar o comportamento leitor do brasileiro. Para acessar a pesquisa: <https://www.prolivro.org.br/pesquisas-retratos-da-leitura/as-pesquisas-2/>.

³ Conforme registra Paiva (2011, p. 12), *livro-brinquedo* é um termo recém-chegado ao vocabulário de Educação e que marca um lugar contemporâneo na produção editorial. Nomeia um gênero com expressividade e estrutura que representa uma nova perspectiva sobre livros infantojuvenis interativos, criados para entreter seus leitores e levá-los à ação a partir de jogos ou da leitura visomotora e verbosensorial. Tangível enquanto objeto, o *livro-brinquedo* valida a relação do leitor-criança – mas não

seu modo de ser/ver o mundo. Ademais, envereda-se por esse caminho, por acreditar na relevância das Universidades Públicas para a constituição cidadã crítica, ética e responsável. Notadamente, o livro e a literatura infantil são capazes, então, de envolver adultos e crianças na construção de múltiplas realidades, promover a compreensão das mudanças sociais, colaborando com a percepção do mundo e sua vastidão, entendendo o lugar do "eu" e do "outro", colaborando, ainda, com a construção de futuros imaginados.

A educação promovida por uma universidade pública federal deve, por critério, retornar os conhecimentos adquiridos sob o aporte financeiro recolhido por todos os cidadãos brasileiros aos mesmos. A partir do tripé universitário, cujo preceito constitucional rege as universidades brasileiras, define o papel das universidades perante a sociedade, como descrito no artigo 207 da Constituição Federal⁴, onde se registra que as universidades precisam obedecer ao princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. Este tripé engloba os docentes e discentes visando o desenvolvimento da ciência, tecnologia e da criação e difusão da cultura, englobando todos os públicos e faixas etárias, sem discriminação.

Assim, as Universidades brasileiras, organizadas por áreas de conhecimento – conforme parâmetros do CNPq⁵/Capes⁶ –, são constituídas por distintas faculdades, departamentos e cursos e, a partir do ensino, pesquisa e extensão, produzem conhecimentos, técnicas, tecnologias e diferentes produtos que impactam sobre a formação de diversos discentes, reverberando também sobre o tecido social, inclusive, sobre as infâncias⁷.

exclusivamente este leitor – com um suporte de leitura lúdico, que em seus recursos gráficos se assemelha a um objeto de brincar com o qual as crianças gostam de interagir. O gênero se retroalimenta da literatura industrial e da moderna demanda por entretenimento.

⁴ Para ter acesso ao Artigo 207 da Constituição Federal, ver link: <https://portal.stf.jus.br/constituicao-supremo/artigo.asp?abrirBase=CF&abrirArtigo=207#:~:text=Da%20Educa%C3%A7%C3%A3o-.Art.,entre%20ensino%2C%20pesquisa%20e%20extens%C3%A3o.>

⁵ Para acessar a tabela de áreas do conhecimento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq): <http://lattes.cnpq.br/web/dgp/arvore-do-conhecimento>.

⁶ Para acessar a tabela de áreas do conhecimento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES): <https://www.gov.br/capes/pt-br/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/avaliacao/instrumentos/documentos-de-apoio-1/tabela-de-areas-de-conhecimento-avaliacao>.

⁷ O entendimento da infância e das infâncias nesse trabalho é construída enquanto categoria presente e permanente na estrutura social. As crianças, enquanto grupo, possuem uma identidade comum, definida não pelas características individuais das crianças, mas por suas demandas comuns.

Concomitantemente, editoras universitárias⁸ se constituem como órgãos ativos e integrados ao projeto institucional de formação, produção e divulgação científica das universidades a que pertencem. Para além da produção das citadas editoras, são muitos os campos do saber que se interessam pela pesquisa acerca do livro infantil. Das letras, artes, linguística, design, à comunicação, investigações e produções para esse público são cada vez mais exploradas por múltiplas áreas do conhecimento sinalizando para a relevância do campo editorial voltado para esse público.

Assim, partindo do problema de pesquisa que buscou compreender de que maneira as universidades brasileiras estão contribuindo para a investigações e a produção de livros voltados para as infâncias, o presente estudo teve como objetivo mapear – considerando as universidades públicas brasileiras – as pesquisas (através de Grupos de Pesquisa certificados) e produções livrescas voltadas para o referido público. De outra forma, a investigação teve como intuito compreender como o objeto livresco infantil tem sido investigado, por quais grupos de pesquisa, com quais perspectivas, por quais áreas do conhecimento e quais desses espaços tem produzido livros destinados a esse público.

Tendo como norte o objetivo geral especificado, a investigação se desenvolveu a partir dos seguintes objetivos específicos: a. identificar grupos e projetos de pesquisa universitários que se propõem a discutir ou produzir livros infantis; b. identificar projetos de extensão universitários sobre livros infantis ou práticas literárias; c. mapear a produção de livros infantis produzidos por editoras universitárias vinculadas a Associação Brasileira de Editoras Universitárias (ABEU); d. identificar as temáticas e características dos livros infantis mapeados.

De abordagem dedutiva, a pesquisa de caráter qualitativo-exploratório, fez uso da revisão de literatura e coleta de dados secundários em diferentes bases de dados,

A partir da concepção de infância enquanto forma estrutural, é possível compará-la a outras formas de estratificação social. Portanto, a afirmação das diferentes infâncias é suportada por DIAS (2012) e por QVORTRUP (2010) ao se diferenciarem ao longo do tempo, em dimensão vertical, como o desenvolvimento de uma infância, e em dimensão horizontal, bem como a infância é diferente da fase adulta, ou infância enquanto categoria geracional.

⁸ A Associação Brasileira das Editoras Universitárias (ABEU) congrega mais de cem editoras universitárias distribuídas pela país, dando mais visibilidade aos editores associados e à produção científica, acadêmica e cultural das Universidades nas quais estão inseridas. Tem como objetivo atuar no desenvolvimento da cultura editorial universitária, fornecendo soluções, produtos e serviços adequados às necessidades dos associados, das instituições parceiras e dos leitores, contribuindo para as políticas do livro e da leitura no país.

conforme foi detalhado no capítulo que apresenta o desenho metodológico da pesquisa.

Diante do contexto exposto, o presente documento foi estruturado considerando três capítulos. No Capítulo I, intitulado *Aspectos teórico-contextuais*, são discutidos os referenciais teóricos acerca das infâncias e a produção livresca infantil no Brasil, assim como se discute aspectos relevantes sobre a relação livro, leitura e educação, apresentando um panorama do papel das Universidades Públicas, em especial das Editoras Universitárias, na produção de pesquisas e publicações no campo editorial infantil.

O capítulo II, denominado *Aspectos metodológicos*, é apresentado o desenho metodológico que estruturou o desenvolvimento da pesquisa, assim como são evidenciados os instrumentos de coletas de dados, as bases de dados selecionadas, os modos de sistematização, bem como o método utilizado para fins de análise e alcance dos resultados.

Por fim, no Capítulo III, intitulado *Discussões e Resultados*, são apresentados os dados levantados e as discussões que se interrelacionam com os referenciais teóricos trabalhados, disponibilizando os principais resultados alcançados com a investigação.

2. ASPECTOS TEÓRICO-CONCEITUAIS

O presente capítulo teve como objetivo apresentar o contexto e as principais discussões teóricas que giram em torno da produção de pesquisas sobre livro e leitura, assim como de objetos livrescos produzidos na instância das Universidades Públicas brasileiras, seja através das Editoras Universitárias ou através dos diferentes Grupos de Pesquisa certificados pela CNPq.

2.1 Infâncias e o panorama da produção livresca infantil no Brasil

O sentimento de infância, de preocupação com a educação moral, pedagógica e comportamental no meio social são ideias que foram sendo construídas lentamente. Antes de se falar sobre o pensamento moderno da infância, é preciso remontar a um processo histórico até que a sociedade viesse a valorizá-la.

A história da concepção e identificação do que é a infância e como a entendemos hoje em dia é remontada desde a Idade Média, situada na sociedade europeia, por Philippe Airès (1981) e por Mary Del Priori (2013) quanto a história das crianças no Brasil. Segundo Airès, o sentimento de infância e o direito a se ter infância não era disponível a todas as crianças, pois dependia das condições econômicas, sociais e culturais da época.

A obra construída por Airès (1981) é uma das mais citadas e pioneiras no estudo da história da construção do sentimento de infância, contudo, ela não é isenta de críticas. Para construir sua perspectiva, o autor utilizou como fonte para sua pesquisa pinturas, diários e cartas da época, tais elementos que majoritariamente pertenciam a aristocracia, apenas uma parcela da sociedade. Nas palavras de Klein (2012, p. 13), “Airès toma essa classe – que é formada por uma fração minoritária – como representação legítima da totalidade social”, não abarcando a dura realidade das famílias operárias e as condições adversas em que viviam as crianças trabalhadoras daquele período.

Na coletânea organizada por Mary del Priore (2013), em complemento aos estudos de Airès, são retratadas diversas infâncias em diferentes momentos da história do Brasil. Tal diversidade pode ser constatada, especialmente no Brasil

Colonial. Neste período, as concepções de criança variaram de acordo com a sua etnia e a sua condição de classe, segundo (BARBOSA e DOS SANTOS, 2017).

O entendimento de infância, proposto por Ariès, foi adotado, também, pelo Brasil Colônia. No entanto, tal concepção é reservada apenas para a criança branca da elite (SANTOS, 2007). Geralmente essa criança permanecia sob os cuidados da mãe e amas, até aos sete anos de vida. A partir dessa idade, os meninos iam para as escolas, onde terminavam os estudos, “com um diploma de doutor, geralmente de advogado ou carreira militar” (MAUAD, 2013, p. 152). E a educação das meninas também se iniciava aos sete anos, mas era uma instrução mais voltada em transformá-las em donas de casa prenyadas. (BARBOSA, DOS SANTOS, pg. 252, 2017)

Tanto as meninas quanto os meninos, na concepção moderna de infância, eram crianças consideradas seres diferenciados, incapacitados, incompletos, que necessitavam serem instruídos e socializados por adultos. Segundo Sarmento sintetiza, a construção simbólica da infância na modernidade desenvolveu-se em torno de processos de disciplinação da infância e o desapossamento de modos de intervenção e a desqualificação da voz das crianças na configuração de mundo e a colonização adultocentrada dos modos de expressão e pensamento das crianças (SARMENTO, p. 369-370, 2005).

A vida das crianças no período medieval, segundo Ariès (1981), era caracterizada por uma espécie de manipulação ideológica dos adultos até que as crianças apresentassem independência física e pudessem ser inseridas no mundo adulto. A socialização das crianças não era controlada pela família e a educação era garantida pela aprendizagem através de tarefas cotidianas realizadas juntamente aos adultos (PINTO, 1997).

Os sinais de desenvolvimento do sentimento de infância tornaram-se mais fortes e significativos a partir do final do século XVII, com a mudança nos costumes, nos modos de se vestir e no modelo de civilidade europeia da época, que estava ligada às boas maneiras e regras de etiqueta. Para isso, surgia um novo conceito de comportamento infantil e uma literatura pedagógica destinada não apenas às crianças, mas principalmente aos pais e educadores.

Foi a partir do trabalho de Ariès (1981) e suas ideias, segundo Pinto (1997), que a criança veio a ocupar um espaço antes pouco perceptível, desencadeando investimentos de cunho social para que as crianças e adolescentes viessem a ocupar, de fato, seu lugar na sociedade.

A partir da expansão da ideia de lugar social da criança e da necessidade escolarizante fortemente marcada pela intenção utilitarista da moral vigente, surgem os primeiros livros para crianças. Portanto, pode-se dizer que a literatura infantil esteve ligada, desde o início, a uma concepção de criança como ser educado sobre os valores de uma época. Com isso, não havia a preocupação de provocar na criança reflexões sobre sua experiência e condição social no mundo.

O pensamento moderno quanto à infância avançou à medida que a burguesia expandia, aperfeiçoando o sistema escolar, valorizando, em alguma medida, a infância, admitindo as peculiaridades relacionadas a essa etapa de vida.

A perspectiva de infância trabalhada nesta pesquisa será em conformidade com a de Pinto (1997), através das dimensões sociais da infância, isto é, no conjunto de processos sociais cuja infância emerge como realidade social que produz, em certa medida, a própria sociedade. Com isto, valoriza-se a criança como é, o que a faz ser criança de fato e não como aquilo que ela poderá ou deverá vir a ser.

Para isso, a literatura infantil é um veículo importante para construção de uma infância que possibilite à criança uma expansão da consciência e função humanizadora, levando em consideração aquilo que ela é, como ela se constituiu em seu meio/realidade. Como disposto por Candido (2011),

[...] entendo aqui por humanização [...] o processo que configura aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso de beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres e o cultivo do humor” (CANDIDO, 2011, p. 112).

No Brasil, Zilberman (1990) registra a origem do gênero Literatura Infantil a partir do século XIX, com a publicação de livros escolares voltados ao ensino da leitura, a maioria deles traduzidos ou adaptados de livros europeus. Segundo Arroyo (1968), a literatura escolar desempenhou importante função no processo de formação da literatura infantil propriamente dita, tendo grande relevância, no nosso país, a publicação *Narizinho Arrebitado*, de Monteiro Lobato em 1921. Recentemente, inclusive, assistimos a uma série de manifestações sobre a polêmica em torno dos livros de Lobato – no que se refere a questões raciais –, questão que, de alguma

forma, sinaliza para o *zeitgeist*, reforçando a ideia de haver uma espécie de literatura infantil que reflete o espírito do nosso tempo.

Desse modo, o caminho da literatura infantil traçada no Brasil é intrinsecamente ligado aos valores vigentes em cada momento histórico. Para Petit (2006), a literatura se apresenta em momentos de crise e desamparo como função terapêutica, promovendo, em alguns momentos, equilíbrio psíquico. Na época da ditadura militar no Brasil, por exemplo, observou-se uma crescente na produção da literatura infantil, que, conforme Petit (2006), ajudou a produzir sentido, organizar a experiência e, em particular, elaborar uma narrativa interna que desempenhasse papel na construção ou reconstrução de si. Sobre essa questão, a temática dos livros infantis nesta época, sob a ótica de Ferreira (2006, p. 145), enalteceu a pátria, a família, a obediência e respeito aos mais velhos, dentre outros temas que foram intensamente presentes na produção literária destinada às crianças.

Ainda de acordo com o referido autor, após o processo de renovação da literatura voltadas para esse público, que no Brasil ocorreu a partir dos anos 70, outros valores emergem, como, por exemplo, ser crítico em relação ao modo de ser da classe dominante, ser criativo, ser bastante informado, ser contestador das regras tradicionalmente estabelecidas, entre outros.

Em outra perspectiva, na América Latina, as ditaduras militares implantaram instrumentos de censura à leitura. No Brasil de 1964, o golpe militar fez-se território de apreensão de livros, destruição de bibliotecas, perseguição (e morte) de autores, ataque às universidades por forças militares por subversão à ordem. De acordo com Malta, Flexor et al (2020), produzindo seu próprio Index⁹, a ditadura brasileira censurou obras que eram consideradas subversivas e, em 1968, com o AI-5, a repressão se intensificou com a censura prévia. O contexto de repressão de certo, promoveu reflexos na produção literária da época, uma vez que a autocensura repercutiu em produções que lançavam mão de figuras de linguagem para, nas entrelinhas, deixar escapar a intenção do autor. Conforme registram Moraes e Lajolo (1995, p. 52), os modos de driblar a repressão era jogar com as ambiguidades, com

⁹ *Index Librorum Prohibitorum* refere-se ao índice dos livros proibidos, condenando obras consideradas heréticas e de teor subversivo aos olhos da Igreja (Manguel, 2018).

a polissemia. Nesse contexto, conforme destacam Malta, Flexor et al (2020), a literatura infantojuvenil, pela assimetria historicamente constituída em relação a outras produções nesse campo, foi o setor que conseguiu semear uma espécie de liberdade, explorando, através de figuras de linguagem, o universo mágico dos livros infantis, desacreditando, nas entrelinhas, os valores que sustentavam a política dos militares. Conforme destaca Bordini, (1998, p. 38), esses livros, de certo modo, induziram uma geração a pensar por si e a desconfiar de ideias que “matam”.

Dessa época, são representativas as produções de Ana Maria Machado, Lygia Bojunga, Ruth Rocha, Marina Colasanti, Ziraldo, entre outros que, no limite da criatividade para burlar a censura, produziram uma literatura infantojuvenil que denunciava o momento histórico vivido, tornando-se relevantes no processo de construção da identidade e cultura brasileira.

Com pouco mais de 100 anos da presença da literatura infantil no Brasil, a categoria ainda enfrenta preconceitos e desafios quanto a sua legitimação enquanto *corpus* textual passível de uma abordagem científica sob o prisma de uma literatura de qualidade na visão dos críticos literários. De acordo com Azevedo (2004, p. 317), ainda que a literatura infantil seja unanimemente reconhecida pelo papel relevante na iniciação estética e leitora da criança, ela tem sido concebida como um objeto de estudo frequentemente menor ou como objeto cuja concretização em termos de material estético não parece ser percebida como de natureza idêntica à da literatura majoritariamente lida por leitores adultos.

Mais além, destaca-se que diferente dos livros educativos/livros didáticos, a literatura infantil assinala que a “ruptura cognitiva” exigida para uma construção imaginária de uma nova realidade possibilita ao leitor a conquista de um pensamento autônomo e divergente, bem como o exercício da criatividade (CORRAL, 1995). Assim, o autor alerta para a necessidade de recusar um conjunto de prejuízos e estereótipos que frequentemente se associam à literatura infantil, como o parco entendimento da natureza primordialmente estética dos textos de literatura infantil e a concepção estereotipada de que o jovem leitor seria totalmente incapaz de perceber e de apreciar quaisquer processos de semiotização da matéria verbal.

Embora seja verdade que o leitor-modelo (Eco, 1988) previsto por livros infantis é, pela pouca experiência de vida e interação com textos, detentor de uma

enciclopédia limitada, segundo Sanchez Corral (1995), isto é compensado pela presença de vários elementos paratextuais e estratégias retórico-discursivas que funcionam como sinais orientadores auxiliando o jovem leitor a cooperar interpretativamente com o texto.

Nesse contexto, destacam-se os avanços da indústria gráfica do século XX que, notadamente, viabilizaram a produção de livros com ilustrações cada vez mais robustas, como também o uso de recursos gráficos de interação como *pop-ups*¹⁰ *harlequinades*¹¹ que, em última instância, ampliam sobremaneira a capacidade interpretativa e imaginativa das crianças. Sobre a produção visual desses livros, inclusive, vale destacar que foi, no século passado, que a relação texto-imagem no livro infantil ganhou novos contornos, avançando no sentido de não apenas “ilustrar o texto”, como começou a ser tratada – por artistas gráficos como Roger Melo –, como elemento amplificador a experiência da leitura, sendo trabalhada numa perspectiva de amplificação e não mais de redundância.

Atualmente, mesmo que alguns, ainda insistam em considerar o livro infantil como uma produção “menor”, esse campo vem ganhando destaque quanto a sua produção de qualidade em níveis nacional e internacional. Como destacado⁰, os processos de impressão, a qualidade da indústria gráfica brasileira tem viabilizado a produção de objetos livrescos de autores/ilustradores brasileiros que são, de forma recorrente, premiados mundo a fora.

Em 1974 foi criada a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ)¹², o Prêmio Jabuti¹³ (em 1959) e, ainda, *Bologna Children´s Book Fair*¹⁴ que consagraram diversos autores como Marina Colasanti, Ana Maria Machado, Lygia Bojunga, sendo essas duas últimas vencedoras do Prêmio *Hans Christian Andersen*¹⁵, considerado o ‘Nobel’ da literatura infantil.

¹⁰ A técnica de pop-up refere-se a ilustrações tridimensionais feitas com recortes de papel.

¹¹ A técnica de harlequinade refere-se a ilustrações em abas móveis de imagens escondidas, onde a ilustração passa a ser a janela de acesso à manipulação.

¹² Mais informações através do site <https://fnlij.org.br/>

¹³ Sobre o Prêmio Jabuti, acessar: <https://www.premiojabuti.com.br/>

¹⁴ Mais detalhes em <https://www.bolognachildrenbookfair.com/en/home/878.html>

¹⁵ Para mais informações, acesse: <https://eurocid.mne.gov.pt/premios/premio-hans-christian-andersen>.

A qualidade da produção de livros infantis no país é inegável, seus personagens, temáticas, narrativas mudam com o passar do tempo e das vivências geracionais, contudo a tendência é que a literatura infantil acabe ganhando maior destaque à medida que se promova mais investimentos em escolas públicas e políticas para o livro e leitura no país, assim como mais investimentos nas Universidades Públicas e seus grupos de pesquisa e extensão.

2.2 Livro, leitura e educação

O livro pode ser experienciado por diversas facetas. O livro como objeto material, como suporte, como produto, como extensão da memória e imaginação. Chartier (1994), na obra *A ordem dos livros*, ressalta que para se estudar a história da leitura e do livro, deve-se reconstruir as alterações que diferenciam os 'espaços legíveis', isto é, as leituras entendidas como práticas concretas e processos de interpretação, entender assim a relação entre o livro e a leitura sob suas variações relacionais, segundo Silva (1998).

Uma abordagem histórica da leitura e do livro a partir dos estudos de Roger Chartier (1990), traz à materialidade o que ele chama de “prática cultural” e assim a explica:

[...] tal como a entendemos, tem por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler. Uma tarefa deste tipo supõe vários caminhos. O primeiro diz respeito às classificações, divisões e delimitações que organizam a apreensão do mundo social como categorias fundamentais de percepção e de apreciação do real. Variáveis consoantes às classes sociais ou os meios intelectuais, são produzidas pelas disposições estáveis e partilhadas, próprias do grupo. (CHARTIER, 1990, p.16)

Registrar a memória a fim de perpetuar a história. Essa era a função principal do livro. “O livro, do latim *liber*, é o símbolo do conhecimento, sabedoria, ciência, erudição, da inspiração poética ou da filosofia, e que desempenha um papel fulcral na iconografia ocidental e na cultura artística.” (GRAÇA, 2014, p. 40). Essa ideia é muito mais abrangente que sua limitação geográfica, pois sabe-se que o livro, em qualquer

contexto que esteja inserido, é capaz de trazer à luz o conhecimento e ser ferramenta disseminadora de informação.

Na convivência diária nos deparamos com a leitura motivados por situações de necessidade, prazer, obrigação, divertimento ou como mera fruição. Nesta perspectiva, pode-se afirmar que a leitura é fundamental para a vivência em comunidade, construção de conhecimentos e para o desenvolvimento intelectual, ético e estético do ser humano. Conforme destaca Segrés (2010, p. 37), a leitura é uma atividade integrada à vida cotidiana de cada um. Lê-se sem saber, sem querer, sem atentar-se para o fato, lê-se sem parar, placas, propagandas, livros, manchetes. A leitura se impõe como uma atividade que para nós se tornou natural, indispensável como alimentar-se ou vestir-se.

O autor e professor Paulo Freire (2002) registra que a leitura, tão fundamental, não se inicia apenas após a alfabetização, entende-se que a *leitura do mundo precede a leitura da palavra*. Ora, a partir da oralidade, é possível chegar à escrita. Criança ou adulto, faz-se a leitura oral do mundo e depois a escrita da palavra que o leem.

Assim como Freire (2002), Segré (2010), sustenta que as aproximações iniciais com a leitura acontecem por meio da oralidade, o primeiro contato da criança com o livro vem da voz e do olhar do contador de histórias. Segundo, Donato e Silva (2013), o aumento populacional, a densidade das relações sociais e a dificuldade de memorização transformam a escrita em principal suporte de armazenamento da informação. Segundo Freire (2002, p. 47), explicita-se a compreensão do ato de ler a partir da sua experiência, uma percepção crítica da leitura e da escrita, em consonância com sua forma de ser. E continua registrando que a “leitura da palavra, que implica a leitura da realidade, como se estivesse fazendo a “arqueologia” de sua compreensão do complexo ato de ler” (FREIRE, 2022, p. 47). O pensamento de Freire (2022) parece, em alguma medida, abraçar as realidades das múltiplas infâncias. Na perspectiva de que cada criança terá sua forma de ler o mundo, através de seus olhos e vivências.

Cada criança terá sua leitura de mundo, contudo, a leitura das palavras pode expandir essa visão. A importância da experiência da leitura, segundo Jauss (1978), pode libertar o leitor de adaptações, prejuízos e constrangimentos de sua vida prática, obrigando-o a uma nova percepção das coisas. A partir da leitura cria-se um horizonte

de experiências que se distinguem do horizonte da vida prática, porque não se conserva experiências passadas, mas também antecipa a possibilidade irrealizada, alarga o campo limitado do comportamento social a novos desejos, aspirações, objetivos e, com isso, abre caminho a experiências futuras (JAUSS, 1978).

Se considerarmos que a escola tem como uma de suas funções primordiais a formação do indivíduo leitor, ocupando o espaço privilegiado de acesso à leitura, é imprescindível que ela crie possibilidades que oportunizem o desenvolvimento do gosto pela leitura por meio de textos significativos para as crianças. No Brasil, a literatura e o ensino escolar sempre estiveram atrelados. Lajolo (2008), garante que se ler é essencial, a leitura literária também é fundamental e as instituições têm responsabilidade sobre o assunto. Sobre a questão, Lajolo (2008, p. 106) destaca que é a literatura, como linguagem e como instituição, que se confiam os diferentes imaginários, as diferentes sensibilidades, valores e comportamentos através dos quais uma sociedade expressa e discute, simbolicamente, seus impasses, seus desejos, suas utopias. Por essa razão, continua a autora, a literatura é importante no currículo escolar, uma vez que o cidadão, para exercer plenamente sua cidadania, deve-se apossar-se da linguagem literária, alfabetizar-se nela, tornar-se seu usuário competente, na visão da autora. Ainda que, não apenas a partir da alfabetização, letramento e o consumo do mercado livresco, seja possível exercer a cidadania, o caminho da leitura pode facilitar acessos em determinadas funções sociais, o que não significa que todos os seres para coexistirem devem, necessariamente, serem letrados.

De acordo com Segrés (2010), a sociologia da leitura visa melhorar as condições de promoção de uso e da partilha de textos - sejam eles de livros ou jornais - numa sociedade em plena mutação, inquieta em relação ao presente, mas preocupada em preservar e transmitir valores democráticos. Conforme afirma Chartier (1995), a leitura escolar constitui uma área da sociologia da leitura que instiga oportunidades para novos questionamentos, confronto das prescrições escolares, práticas das populações escolares e diferentes etapas da escolarização.

2.3 Universidade e a pesquisa no campo

A partir dos anos 30 no Brasil, a sociedade lentamente se industrializava e ocupava os centros urbanos, o que contribuiu para a promoção de exigências cada vez maiores quanto à educação (CACETE, 2014). Particularmente, segundo a autora, a região sudeste, sobretudo São Paulo e Rio de Janeiro, foi onde a demanda por ensino, e especificamente o superior, foi mais sentida.

O surgimento do ensino superior no Brasil iniciou-se sob a forma de cadeiras que foram sucedidas por cursos, posteriormente por escolas e por faculdades de Medicina, Direito, Engenharia, Agronomia, entre outras. Não existiam, inicialmente, estudos superiores em Humanidades, Ciências ou Letras. De acordo com Anísio Teixeira (1989, p. 73-74), a falta de estudo superior de tipo acadêmico havia de tornar extremamente precária a formação dos professores para os colégios secundários. E complementa afirmando que todo sistema de educação, em seus diferentes níveis e em seus diferentes currículos e programas, só poderia ensinar a cultura na universidade ou nas escolas superiores do país se produzirem trabalhos acadêmicos. “Não seria possível um curso secundário humanístico ou científico sem que a universidade ou as escolas superiores tivessem estudos humanísticos ou científicos avançados” (TEIXEIRA, 1989, p. 73-74)". Nesse contexto, afirma ainda que, em decorrência da existência apenas de escolas profissionais de saber aplicado, o seu ensino secundário acadêmico de humanidades e ciências teria de ser inevitavelmente precário e deficiente, “como sempre foi durante essa longa experiência de ausência da universidade ou das respectivas escolas superiores para licenciar os docentes” (TEIXEIRA, 1989, p. 73-74)".

A situação dos cursos de humanas nas universidades começou a mudar a partir do decreto 19.851, de 1931, sob o nome de Estatutos das Universidades Brasileiras, em que, por lei, o ensino superior deveria ser ministrado na universidade a partir da criação de uma Faculdade de Educação, Ciências e Letras, onde deveriam ser formados os professores secundários (CACETE, 2014).

A criação do curso de Educação Infantil, alocado na Faculdade de Educação, foi marcada pelas mudanças na organização familiar para o modelo nuclear e pelo desenvolvimento de teorias voltadas para a compreensão da natureza inocente das

crianças e pela inclinação às más condutas. Segundo Bujes (2001, p. 15), o que se pôde notar é que existiram, para justificar o surgimento das escolas infantis, uma série de ideias sobre o que constituía a natureza infantil que, de certa forma, traçava o destino social das crianças - o que elas “viriam a se tornar” - e justificava a intervenção dos governos e da filantropia para transformar as crianças (especialmente as de classe social mais baixa) em “sujeitos úteis”. De qualquer modo, no surgimento das creches e pré-escolas conviveram argumentos que “davam importância a uma visão mais otimista da infância e de suas possibilidades, com outros objetivos do tipo corretivo, disciplinar, que viam principalmente nas crianças uma ameaça ao progresso e à ordem social.” (BUJES, 2001, p.15)

E assim, ao longo desse percurso, que foi a partir da necessidade da criação das universidades, das áreas de Ciências Humanas, do curso de formação de professores secundários, e da importância da especificidade de uma Educação Infantil, que se insere a produção acadêmica sobre a literatura infantil. O caminho, pelo que se pode notar, foi longo, e uma das questões mais pontuadas nos textos dos autores sobre a literatura infantil, como em Lajolo e Zilberman (1985), é a falta de estudos sobre a bibliografia infantil e escassa produção científica voltada para a área, o que já vem mudando com os anos.

No momento em que a produção de livros para crianças converte-se num dos segmentos economicamente mais relevantes da indústria editorial brasileira a literatura infantil começa a integrar currículos universitários se tornando objeto de teses, congressos, seminários e grupos de pesquisa. (LAJOLO e ZILBERMAN, 1985, pg. 8.)

Os grupos de pesquisa situados em universidades brasileiras e comandados por acadêmicos, especificamente para a área de Literatura Infantil e/ou Juvenil, comumente tido como LIJ, são muito importantes para a produção acadêmica, promoção de congressos e pela discussão temática interdisciplinar. É a partir dos grupos de pesquisa que se torna possível o estudo contínuo e a produção de pesquisadores capazes de desenvolver pesquisas, de diferentes naturezas, que propiciem avanços em relação aos campos de conhecimentos envolvidos.

Contudo, a organização dos grupos de pesquisa e sua presença em espaço de debate acadêmico sobre os livros infantis não é feita sem entraves. Segundo Mortatti (2008), em seu artigo sobre a LIJ, expõe a problemática que percorre neste campo de

pesquisa, destacando que esse campo se conforma como a 'prima pobre' da pesquisa em Letras. Uma das dificuldades colocada pela autora diz respeito à delimitação da literatura infantil/juvenil como campo de conhecimento necessariamente interdisciplinar e da não padronização ao se nomear livros infantis (tais como: livro infantil, livro infanto-juvenil, literatura infantil, dentre outros que acabam dificultando a indexação dos assuntos tratados).

No contexto pós-ditadura, em que se verifica o chamado *boom* da produção brasileira de livros de literatura infantil e muitas iniciativas referentes à discussão de problemas e propostas que dizem respeito à leitura e à literatura infantil, é que a pesquisa realizada por Mortatti e Oliveira, que retrata o panorama da produção acadêmica brasileira sobre literatura infantil entre os anos 1970 a 2016, se enquadra. Segundo os autores, no período 1970-2016, foram defendidos no Brasil, 480 trabalhos acadêmicos sobre o tema da literatura infantil, a quantidade de trabalhos foi de 42,5% do total de produção sobre o tema, o que sugere que a literatura infantil vem sendo cada vez mais objeto de interesse de pesquisadores brasileiros.

No que tange à produção brasileira sobre literatura infantil, ainda há muito espaço para crescimento, segundo Mortatti e Oliveira (2017) não havia sido desenvolvidas pesquisas do tipo “estado da arte”/“estado do conhecimento” até o momento em que a pesquisa foi feita, e segue até hoje, imprimindo importância no conhecimento em construção que possibilitaria integrar diferentes perspectivas, contradições, lacunas e possíveis vieses.

2.4 Editoras universitárias e a produção no campo editorial infantil

A história das editoras universitárias não avançou paralelamente à criação das universidades no Brasil. A primeira universidade foi criada em 1920, ao passo que as primeiras editoras universitárias vieram apenas em 1961 e 1962, respectivamente nas Universidades de Brasília (UnB) e de São Paulo (USP) (ABREU, 2019).

Quando criadas, as editoras universitárias, geralmente eram vistas como prestadoras de serviço, agentes instrumentais e passivas à espera de obras a serem editadas, e não como participantes ativas e indissolavelmente ligadas à vocação educacional das universidades, segundo é definido por Maria do Carmo Guedes e

Maria Eliza Mazzilli Pereira (2000). Assim, na sua implementação inicial cabia às universidades “patrocinar a realização de pesquisas para a geração e renovação de conhecimento e a produção do saber”, às editoras universitárias, de forma complementar, cabia tão somente o papel de “documentar e transferir esses resultados” (BUFREM, 2001, p. 21).

A forma de ser e agir de uma editora universitária está atrelada diretamente com a forma que as universidades manifestam sua conduta. Isso porque, é claro, só faz sentido se pensar em editoras universitárias efetivamente integradas às universidades, não como meras prestadoras de serviços, se as próprias universidades pensarem em seus papéis de forma integrada e transversal em relação à formação e à produção científica nos seus diversos campos (GIRALDO, 2011, p. 75).

Atualmente, ainda que cada editora siga a política de sua universidade em específico, em relação às editoras, parece haver um consenso acerca do seu papel ativo e integrado às universidades e seu projeto político, de formação e produção acadêmica, segundo Abreu (2019). Castro (2013) afirma que o ato de editar no universo acadêmico “passou a se constituir, definitivamente, como uma atividade formadora, cultural e educativa” (CASTRO, 2013, p.43).

De forma mais precisa, Leilah Bufrem (2001) atribui às editoras universitárias os papéis de formação do autor, fomento à produção do conhecimento, apoio ao ensino e à pesquisa, produção de séries didáticas e de preenchimento de lacunas em áreas carentes de bibliografia, se aproveitando, para isso, da sua facilidade de acesso aos estudos e pesquisas de professores de todas as áreas do conhecimento (BUFREM, 2001, p.45-46).

Dentre as obras produzidas pelas editoras universitárias, Guedes e Pereira (2000), classificam-nas em quatro grandes temas: 1) sobre educação; 2) para educação; 3) livros didáticos; e 4) obras que propiciem reflexões. Sendo elas, obras que analisam diferentes aspectos ligados à educação, àquelas que facilitam o trabalho docente, às que surgem da preocupação dos professores escreverem para seus alunos utilizarem em aula e àquelas que não se encaixam em nenhuma destas categorias, porém, contribuem para a educação de alguma forma.

O que se pode notar nesta pesquisa, foi a falta de bibliografia, artigos e produções acadêmicas voltadas especificamente para livros infanto-juvenis

produzidos por editoras universitárias. Ainda que estes se enquadrem nas temáticas propostas por Guedes e Pereira (2000), a produção de trabalhos acadêmicos que visem este público é deficitária.

As editoras universitárias não deixam de ser parte de uma indústria cultural, na medida em que, ao publicizar sua produção científica, elas ocupam um determinado lugar nessa indústria, o que pode também contribuir para a própria missão da instituição universitária.

Com isso, a produção de obras literárias para o público infantil tem seu lugar de ser na produção editorial universitária. Podendo ser por meio de grupos de pesquisa sobre infância e literatura, por exemplo, ou projeto universitário criado com o enfoque às crianças. Contudo, a realidade é que nem todas as editoras universitárias reservam em seu acervo uma área destinada a literatura infantil e/ou juvenil, não tendo, na maioria das vezes, nenhum trabalho publicado para este público.

Seria a falta de interesse na produção literária infantil? Seria a falta de compradores de livros infantis produzidos pela comunidade acadêmica? Seria por motivos políticos da parceria editora-universidade? Ou seria reflexo do baixo interesse por uma literatura tida como menor durante tanto tempo? Essas e tantas outras indagações impulsionaram a investigação aqui tecida, abrindo caminhos, sobretudo, para se dar destaque às investigações/produções de livros voltados para as infâncias, produzidas nas Universidades Públicas brasileiras.

3. ASPECTOS METODOLÓGICO

Esse capítulo teve como objetivo apresentar o desenho metodológico, os caminhos percorridos para execução deste trabalho, explicitando o objetivo geral, os objetivos específicos e as demais especificidades para responder ao problema de pesquisa apresentado na introdução.

3.1 Aspectos teóricos-metodológicos

Para que um trabalho científico seja executado é preciso, além da delimitação do problema, objetivos, justificativas e suporte teórico, que ele siga um conjunto estruturado de regras e caminhos que não apenas ajude no percurso de pesquisa como, ainda, demonstre ao leitor de que maneira a pesquisa foi executada. Um dos propósitos desta monografia é a contribuição para o conhecimento científico, na área da comunicação social, através da investigação aqui produzida e, para isso, foi utilizado o rigor metodológico.

Desta forma, neste capítulo, apresenta-se o desenho metodológico adotado, especificando os seguintes aspectos: a) abordagem; b) objetivo; c) natureza da pesquisa; d) procedimentos metodológicos de coleta de dados; e) técnica de análise dos resultados.

Segundo Gil (2007, p.17), a pesquisa pode ser definida como um procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos. A pesquisa desenvolve-se por um processo constituído de várias fases, desde a formulação do problema até a apresentação e discussão dos resultados.

De acordo com Fonseca (2002) e Marconi-Lakatos (2003), metodologia é o conjunto de atividades sistemáticas e racionais que permite alcançar o objetivo. Ou seja, o estudo dos caminhos a serem percorridos para se realizar uma pesquisa, antevendo etapas e auxiliando nas decisões da(o) pesquisadora(or). Já o conhecimento científico, aqui, é entendido através do Fonseca (2002, p.11) como aquilo que é produzido pela investigação científica, através de seus métodos. Refere-se ao conhecimento objetivo, passível de demonstração e comprovação. O método científico permite a elaboração conceitual da realidade que se deseja verdadeira e impessoal, passível de ser submetida a testes. Registra, ainda, que o conhecimento científico apresenta caráter provisório, uma vez que pode ser continuamente testado, enriquecido e reformulado.

Quanto à abordagem de pesquisa, esta investigação se situa como qualitativa, pois se propõe a investigar de maneira aprofundada a relação do livro infantil com as produções editoriais universitárias. A partir do conceito disposto por Gerhardt e

Silveira (2009, p.33), a abordagem qualitativa é aquela que se preocupa com o aprofundamento da compreensão de um grupo social em detrimento da representatividade numérica e tem como objetivo a produção de informações aprofundadas.

Em relação ao objetivo da pesquisa, esta se situa como exploratória, por buscar uma abordagem do fenômeno através do levantamento bibliográfico e de informações diversas que possibilitou conhecer mais a respeito do tema central da pesquisa. Isto, para Gil (2007, p. 53), é entendido como a capacidade de proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou construir hipóteses.

Considerando o arcabouço da pesquisa, esta se configura a partir de uma abordagem dedutiva, que segundo Marconi-Lakatos (2003, p.106), parte da predição dos fenômenos particulares a partir da visão do todo. Se tratando de uma pesquisa monográfica, foi importante utilizar os dados já disponíveis para deduzir as informações aqui geradas. Ainda que na visão de Gil (1999), o método dedutivo nas ciências sociais teria seu uso mais restrito, em virtude da dificuldade de se obterem argumentos gerais, ainda assim ele é possível, a partir do geral, explicar um fenômeno particular.

O campo das pesquisas em comunicação social, em geral, é naturalmente situado sob o campo das ciências sociais aplicadas, com isso em vista, esta pesquisa se insere no campo da natureza aplicada, não que sua aplicação venha a ser imediata, porém é construído um conhecimento através das análises aqui desdobradas que servirão para possíveis futuras pesquisas.

Como instrumento de coleta de dados, esta pesquisa fez uso de levantamentos de dados secundários extraídos do site do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), sobre grupos de pesquisa que se aproximavam do tema livro-infantil. Foram coletados dados do site da Associação Brasileira de Editoras Universitárias (ABEU), buscando mapear as editoras universitárias filiadas que produzem livros infantis. Foi realizado também um levantamento bibliográfico com o intuito de mapear pesquisas sobre o campo da literatura infantil e produções editoriais universitárias e, por fim, fez-se uso da pesquisa documental, considerando o livro-infantil como documento.

A coleta dos dados foi elaborada em quatro etapas. Sendo a primeira sobre grupos de pesquisa, a segunda sobre editoras universitárias, a terceira sobre editoras universitárias que produzem livros infantis e a quarta sobre os livros infantis encontrados. Na primeira etapa, como destacado, foi realizada a busca de grupos de pesquisa indexados no banco de dados do CNPq. O mapeamento foi realizado no período de 10 a 15 de fevereiro de 2023, a partir dos buscadores: a) literatura infantil; b) livro infantil; c) produção editorial; d) editoração; e) livro; f) infantil/is; g) infância.

Os dados coletados serão apresentados e discutidos no capítulo seguinte, entretanto, destaca-se que os dados coletados foram armazenados em uma planilha do Excel sob as seguintes condições: ser certificado pelo CNPq (ou estar em fase de preenchimento) e ser encontrado sob os buscadores acima. Foram encontrados no total 41 grupos de pesquisa, não necessariamente apenas a partir de um único buscador. Com o buscador "literatura infantil" foram identificados 32 grupos, "livro infantil" 3 grupos, "produção editorial" 1 grupo, "editoração" 1 grupo e com os demais buscadores, 5 grupos.

Sobre os grupos de pesquisa, foram feitas 3 planilhas, sendo: a 1ª sobre os dados gerais captados pelos buscadores no site do CNPq, a 2ª sobre os integrantes do grupo e a 3ª sobre as linhas de pesquisa.

Na 1ª planilha do Excel, as informações foram captadas quanto ao banco de dados, buscador utilizado, situação do grupo (certificado ou não), nome do grupo, cidade/estado, área, instituição, líderes do grupo, área de conhecimento predominante, unidade, ano de formação, linha de pesquisa, repercussões dos trabalhos, contato e link do grupo.

Na 2ª planilha foi realizada a segmentação dos grupos de acordo com as informações quanto aos seus integrantes. Esta planilha se propõe a identificar quem são os integrantes por grupo de pesquisa e grau de escolaridade. Foram divididos entre pesquisadores, estudantes e técnicos vinculados ao grupo e quantos eram graduandos, mestrandos, doutorandos ou sem declaração de vínculo.

Na 3ª planilha diz respeito às linhas de pesquisa que os grupos mapeados seguem. Nesta planilha os dados foram divididos entre: grupo de pesquisa, linha de pesquisa, objetivo e palavras-chave.

A segunda etapa, foi responsável pela busca das editoras universitárias cadastradas no catálogo de editoras filiadas à ABEU. Esta etapa, ocorreu durante os dias 25 a 30 de Abril de 2023, foram identificadas 128 editoras filiadas à ABEU, dentre elas 72 eram editoras universitárias públicas (55 de universidades federais e 17 de estaduais).

O mapeamento das editoras universitárias foi separado em apenas uma planilha do Excel, que contém: o nome da editora, a unidade federativa, se possuía catálogo, site do catálogo, quantos livros infantis foram encontrados, nome dos livros infantis, link dos livros infantis e buscador utilizado para encontrar os livros infantis nos sites das editoras universitárias. Neste mapeamento, foi identificado que das 72 editoras, 43 não produzem livros infantis, das 29 editoras que produzem foram encontrados 182 livros infantis.

A terceira etapa se dispôs a mapear os livros infantis produzidos por editoras universitárias, segmentando-os por gratuidade. Para isso, foi desenvolvida uma planilha chamada "Livros infantis" que separou os dados nas categorias: editora universitária, nome do livro infantil, link para o livro, gratuidade, valor do livro, disponibilidade online ou impressa.

Com isso, foi identificado que 15 editoras possuem livros gratuitos e 11 editoras possuem livros pagos. O total de livros infantis gratuitos mapeados pela pesquisa foi de 35 livros.

Na última etapa, a investigação se propõe a analisar os livros infantis gratuitos quanto ao tema, ano de publicação, título, editora, região do Brasil, autores e tipo de conteúdo.

A fim de analisar os dados coletados, optou-se pelo método de triangulação. Esta abordagem contempla coleta e análise de dados diferentes. Uma vez coletados os mesmos foram analisados, sintetizados e comparados para fins de se alcançar inferências.

Assim, o desenho de pesquisa foi elaborado através da abordagem qualitativa, de objetivo exploratório, método dedutivo, natureza aplicada, sob procedimento de coleta de dados secundários, pesquisa bibliográfica e documental.

4. DISCUSSÕES E RESULTADOS

Considerando o desenho metodológico acima, o primeiro estágio foi realizar o levantamento bibliográfico feito para compreender o estado da arte da pesquisa no campo. Com esse intuito, utilizou-se como base de dados a plataforma *Google Acadêmico*. Destaca-se que esse levantamento inicial colaborou com a identificação das principais discussões tecidas no campo, ajudando a reconhecer os principais autores, abordagens e metodologias utilizadas, colaborando com as discussões apresentadas nos capítulos anteriores.

A partir da compreensão dos trabalhos dos autores na primeira fase, foi perceptível a necessidade de conhecer mais a fundo as pesquisas produzidas nas universidades sobre a literatura infantil. E para isso, fez-se uso da plataforma do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) para a busca dos grupos de pesquisa certificados que se aproximavam do tema criança-infância-literatura infantil.

Foi a partir da busca dos grupos e sua estruturação em planilhas específicas, que pude entender o universo das pesquisas sobre literatura infantil e se existiria algum grupo produzindo efetivamente livros infantis nas universidades e qual é a dimensão desta produção, um dos objetivos principais desta pesquisa.

Como resultado, foram identificados 41 grupos de pesquisa certificados pelo CNPq¹⁶ pelos buscadores "literatura infantil", "livro infantil", "editoração", "produção editorial", "infância" e "criança". Desse total, pôde-se observar que o objeto livresco encontra interesse em diferentes áreas do conhecimento como em Letras, Artes, Educação, Desenho Industrial, Linguística, Comunicação e Ciência da Informação. Ainda que, na produção de livros infantis, a área que se destaca é a Saúde, que a pesquisa não aponta nenhum grupo de pesquisa quanto a esta área do conhecimento. Notadamente, as áreas que obtiveram maior incidência de grupos foram Letras e Educação, com respectivamente, 16 e 18 grupos, 85% da amostra.

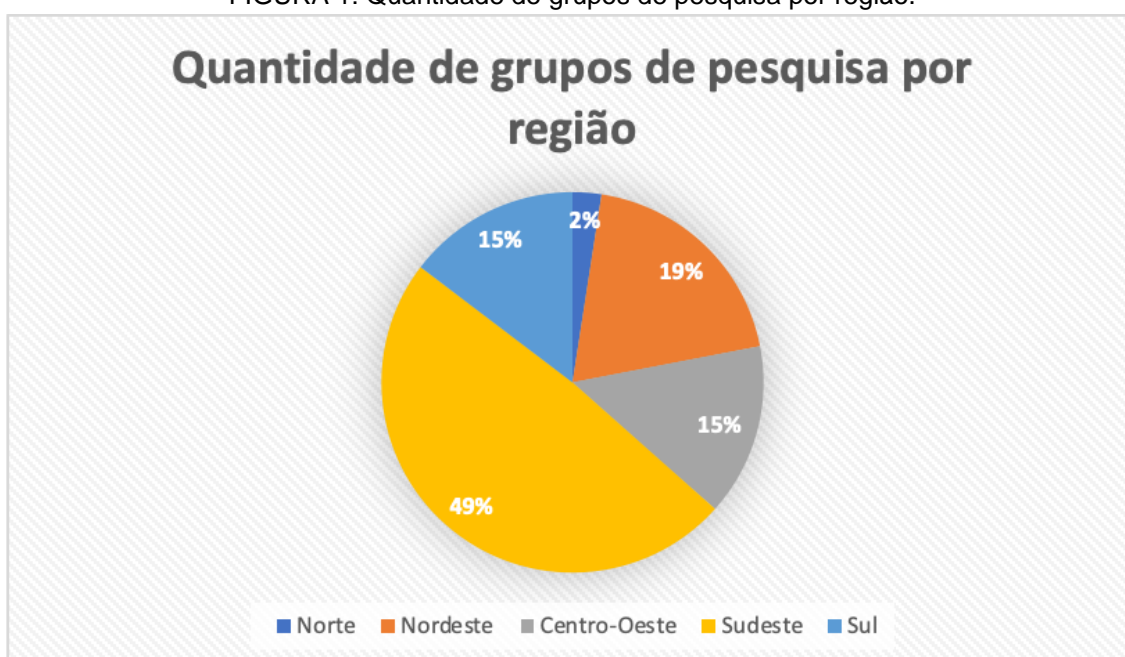
¹⁶ Para acessar a planilha com o levantamento dos Grupos de Pesquisa cadastrados no CNPq: <https://docs.google.com/spreadsheets/d/1oj3aYwKuEvmKQY4b511N-9stnFZLrnSmsB7lYsGtcP4/edit?usp=sharing>

Esse breve resultado reafirma o interesse das áreas das Letras e da Educação, em contraponto ao explicitado na discussão teórica do Capítulo I, que indica a necessidade de integrar diferentes perspectivas, contradições, lacunas e possíveis vieses. A produção acadêmica, com isso, indica concentração nas áreas que se dispõem a incluir, historicamente, mais as crianças, sob a forma de pesquisas *sobre* crianças, *com* crianças e *para* crianças, a exemplo das já citadas faculdades de Letras e Educação.

Um dado que despertou o interesse foi quanto à localização geográfica dos grupos de pesquisa (FIGURA 1). A produção literária infantil foi estudada e marcada historicamente por autoras e autores pertencentes à região sudeste e sul do país, como Regina Zilberman (Rio Grande do Sul), Leonardo Arroyo (São Paulo), Marisa Lajolo (São Paulo), Ana Maria Machado (Rio de Janeiro) e Ruth Rocha (São Paulo). Há diversos motivos para este aspecto, fatores políticos, históricos, sociais e inclusive a industrialização e construção de universidades nos polos sul-sudeste.

Apesar desse contexto, pôde-se mapear se os grupos de pesquisa seguem essa perspectiva ou se a produção acadêmica estaria marcada por maior presença em outras regiões. Para tal observância, segue FIGURA 1 abaixo:

FIGURA 1: Quantidade de grupos de pesquisa por região.



Fonte: elaborado pela autora (2023).

Conforme o disposto acima, o Sudeste segue presente como região dominante, como previsto, contudo o Nordeste foi a segunda região mais representativa, o que demonstra um movimento, de alguma forma, contra hegemônico. A necessidade de uma representatividade regional sobre a temática nos estudos voltados à literatura infantil e infâncias é sustentada a partir das vivências singulares de cada região, cultura, espacialidade, formas de socialização, possibilidades diversas de vivências da infância, de acordo com o entendimento sobre sociologia da infância por Pinto (1997). É a partir da expansão regional dos estudos que se pode estudar às infâncias e a sua influência na literatura infantil brasileira sob vários vieses e recortes, não só de um pólo tradicionalmente pautado, como o Sudeste.

É através dos grupos de pesquisa se reunindo para produção de conhecimento acadêmico, artigos e pesquisas sobre o público infantil e a literatura infantil, que a apropriação de suas histórias e reconhecimento de sua existência podem ser construídos. Esta presença é necessária, para não se cair no perigo de uma única história, pontuado pela autora Chimamanda Adichie¹⁷.

Outro fator a ser considerado foi o ano da criação dos grupos de pesquisa. Este ponto é relevante para se compreender há quanto tempo pesquisa-se o tema e se teve algum ano em que a criação de grupos de pesquisa foi mais expressiva. Isto, posteriormente, poderá ser utilizado para entender qual(is) fator(es) poderiam ter levado ao aumento da produção de pesquisa sobre esta temática no período em questão. O propósito aqui, entretanto, foi sua identificação, conforme mostra a FIGURA 2 abaixo.

¹⁷ Vídeo em que a autora Chimamanda apresenta como foi a trajetória dela enquanto escritora negra e não ter tido muitas referências bibliográficas com a sua cor de pele, e com isso, ter consumido majoritariamente livros de pessoas brancas. Link para vídeo: https://www.ted.com/talks/chimamanda_ngozi_adichie_the_danger_of_a_single_story/c?language=pt

FIGURA 2: Quantidade de grupos de pesquisa por ano.



Fonte: elaborado pela autora (2023).

Nota-se que o ano de 2017 foi, de longe, o ano mais expressivo em quantidade de grupos de pesquisa interessados na temática em questão. Posteriormente, o crescimento foi relativamente baixo, contudo, contínuo no decorrer dos anos. Fica o indicativo de estudos à posteriori que busquem compreender as motivações do contexto que influenciaram esse fenômeno.

Quanto ao tamanho dos grupos de pesquisa, este ponto foi especialmente interessante para se compreender o número de pesquisadores, estudantes e técnicos envolvidos na produção de ciência. Quanto maior ou menor, poderia indicar o tamanho do interesse dos graduandos, mestrandos, doutorandos e técnicos envolvidos. E com isso, foi identificado que a média de pesquisadores por grupo foi de 22 integrantes, sendo um grupo constituído por graduandos, mestrandos, doutorandos e técnicos. O total de doutorandos em todos os grupos de pesquisa foram de 294 integrantes, de mestrandos 95 e de graduandos 17 integrantes mapeados no universo da pesquisa.

Relativo às linhas de pesquisa, dentre os 41 grupos mapeados, foram encontradas 145 linhas no total, sob os marcadores definidos na metodologia. Dentre elas, menos da metade, 51 linhas de pesquisa, trabalham a literatura de alguma forma. E as linhas de pesquisa que especificamente trabalham literatura infantil e que possuem literatura infantil como palavra-chave são, apenas, 37. Como, por exemplo, a linha de pesquisa "Literatura infantil e juvenil em múltiplas linguagens" do RELER - Grupo Interinstitucional de Pesquisa em Leitura do Rio de Janeiro, "Literatura infantil

e juvenil" do Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas sobre Ensino de Língua e Literatura - NIPPELL de São Paulo e "A Literatura Infantil e Juvenil Contemporânea: estudo das mídias, linguagens e tecnologias" do grupo de pesquisa Literatura Infantil e juvenil: análise literária e formação do leitor do Paraná. Estes, sendo, do sul/sudeste e das áreas de Letras e Educação.

O restante das linhas de pesquisa aponta para interesses bem diversos e exploram um campo mais amplo de conexão com as crianças e a literatura, cruzando temas raciais, históricos, sobre a alfabetização, políticas públicas educacionais, povos originais, dentre outros.

Quanto aos grupos que especificamente tratam sobre literatura infantil, estes são mais voltados ao estudo de discussão, investigação, elaboração e produção literária, mapeamento das experiências de leitura e inferência dela em um grupo específico de crianças, tendo menor foco na produção em si de livros infantis. Nenhum grupo de pesquisa mapeado listou, em qualquer uma de suas linhas de pesquisa, o objetivo da produção de livros infanto-juvenis pelos pesquisadores, com ou sem a participação de uma editora universitária.

O fato de não encontrar nenhum grupo de pesquisa que se dispusesse a, além de estudar e discutir os fenômenos literários para o público infanto-juvenil, produzir, de fato, os livros infantis através de editoras universitárias, impulsionou a busca por outra via. Prosseguiu-se, então, para a etapa de pesquisa das editoras universitárias vinculadas a ABEU¹⁸, a fim de identificar: qual(is) universidades estão se dispondo a produzir livros infantis?; que livros são esses?; de qual região são estas universidades?; qual o volume de livros produzidos?; livro impresso ou digital?; de acesso gratuito ou não?

Dentre as 78 editoras universitárias de universidades públicas brasileiras vinculadas à ABEU, observou-se a predominância delas regionalmente. De acordo com o gráfico abaixo (FIGURA 3), nota-se, diferentemente dos grupos de pesquisa, uma expressão considerável do Nordeste, com 25 editoras e 31 editoras no eixo Sul-Sudeste.

¹⁸ Link para acesso a a planilha ABEU: <https://docs.google.com/spreadsheets/d/1oj3aYwKuEvmKQY4b5I1N-9stnFZLrnSmsB7IysGtcP4/edit?usp=sharing>

FIGURA 3: Quantidade de grupos de editoras universitárias por região.



Fonte: elaborado pela autora (2023).

Dentre as editoras universitárias mapeadas, 31 delas possuíam, em seu catálogo *online*, livros de literatura infantil identificados através dos buscadores: "literatura infantil", "livro infantil", "criança(s)", "infância(s)". Nos catálogos que não possuíam local específico de busca indexada, os livros infantis mapeados foram identificados através das áreas do conhecimento: Multidisciplinar, Linguística/Letras/Artes e Ciências Humanas.

Quanto aos achados sobre os livros infantis nas editoras universitárias, conversa diretamente com a forma de ser e agir de uma editora universitária estar atrelada com a maneira que as universidades manifestam sua conduta. Isso porque, faz sentido se pensar em Editoras Universitárias efetivamente integradas às Universidades, não como meras prestadoras de serviços, se as próprias Universidades se pensarem de forma integrada e transversal em relação à formação e à produção científica nos seus diversos campos. (GIRALDO, 2011, p. 75). Isto posto, o fato da não disponibilização de catálogo voltado para o público infantil ou sua discreta presença, pode ser indicativo do pouco interesse não apenas dos

pesquisadores e grupos de pesquisa, mas também pouco interesse das próprias editoras/universidades.

Notou-se a dificuldade na busca dos livros infantis pela diversificação de plataformas de disponibilização dos livros pelas editoras universitárias. Cada uma tinha uma forma diferente de catalogação, sendo umas em pdf, outras em listagem imagética (png), outras em indexação por buscadores, outras apenas por áreas do conhecimento. Crítica essa que está relacionada ao trabalho de Mortatti (2008) e o que a autora reconhece como "impasse".

O impasse recorrentemente apontado por alguns pesquisadores em relação tanto à produção *de* quanto à produção *sobre* LIJ (Literatura infanto juvenil) se torna pouco produtivo, uma vez que sua assunção obriga a se fazer opção por inserir os estudos sobre LIJ nesta ou naquela área; e o pesquisador que escolhe abordar a LIJ, dependendo da área em que atua, é obrigado a fazer opção ou se submeter às "opções", ou pelo primeiro, ou pelo segundo termo da expressão "literatura infantil e/ou juvenil" — desconsiderando o termo excluído — e a reduzir o objeto de investigação a um de seus aspectos constitutivos, de que decorre seu enquadramento em uma das duas áreas de conhecimento nas quais mais freqüentemente se pensa poderem incluir os estudos sobre LIJ: Letras ou Educação.(MORTATTI, 2008, p.6).

Dentre os livros infantis mapeados, estes foram separados em duas categorias: os livros pagos e os gratuitos. Como interesse desta pesquisa, o valor dos livros foi um ponto relevante nas análises e, nesse sentido, identificamos o valor médio de venda de um produto infantil publicado e disponibilizado por editoras universitárias. Observa-se a possibilidade de, em uma outra pesquisa, comparação do valor com outras produções disponíveis em editoras comerciais infantis e identificar os padrões de consumo do público-alvo e compreender amplamente a competitividade das editoras universitárias. São através destes estudos que a demanda pode incentivar ou não a produção de mais livros infantis produzidos pela comunidade acadêmica nas/pelas universidades.

No total de livros infantis produzidos por editoras universitárias, foram encontradas 94 obras. Quanto aos livros, estes foram observados a partir da: universidade a que a editora pertence; a gratuidade ou não do livro; valor monetário do livro e a disponibilidade digital da obra. Com isso, observou-se, conforme a FIGURA 4 que, mais da metade dos livros, 51 exemplares, são livros pagos disponíveis *online*.

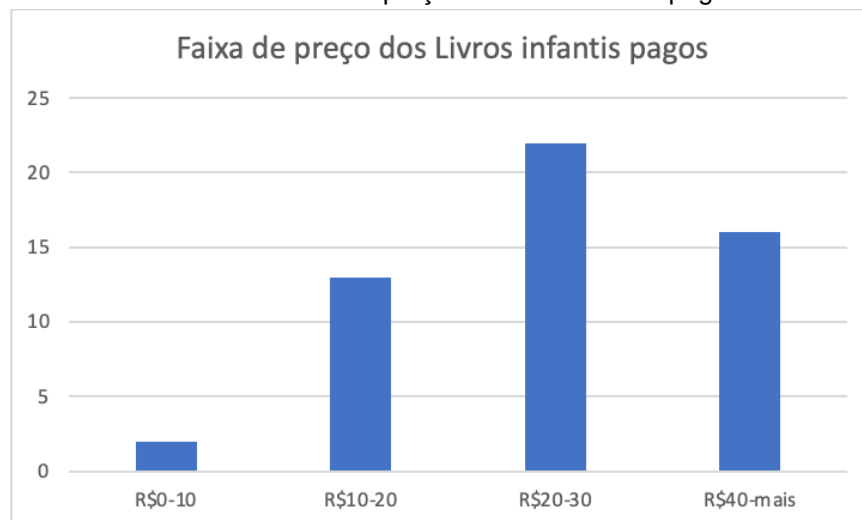
FIGURA 4: Gratuidade de livros infantis entre gratuitos e pagos.



Fonte: elaborado pela autora (2023).

Quanto ao valor dos livros, estes variaram de R\$1 a 150 reais, sendo apenas um livro que custava R\$150 reais, a média de preço foi de R\$30,47 reais (FIGURA 5). Para próximas pesquisas, intenta-se compreender melhor quem é o público-comprador destes livros pagos e como se dá a demanda da produção destes livros e se a venda é representativa para a editora universitária. Estas informações não estão disponíveis, até a data desta pesquisa, nas plataformas digitais de nenhuma editora.

FIGURA 5: Faixa de preço dos livros infantis pagos.



Fonte: elaborado pela autora (2023).

Conforme a exposição do gráfico acima (FIGURA 5), os livros infantis gratuitos e disponíveis mapeados totalizaram 35 obras. Representam as produções de, apenas, 14 editoras universitárias. Sendo a editora da Universidade Federal Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFSCPA), a que detinha o maior volume de livros, seguida da editora Editus, pertencente à Universidade Estadual de Santa Cruz, na Bahia.

Tratando-se do conteúdo dos 35 livros de literatura infantil gratuitos disponíveis *online* produzidos por editoras universitárias, este se mostrou plural, conforme tabela constante no Apêndice 1 quanto à temática dos livros identificada nos Dados internacionais de Catalogação na Publicação (DIP) de cada obra. Quanto ao período de produção, a obra mais antiga mapeada foi produzida em 2010 e a mais recente em 2023. Não foi possível o mapeamento de obras anteriores a estes períodos.

Sobre a temática, foi notória e marcante a presença do Covid-19 e conteúdos relacionados à pandemia nas publicações entre 2020 a 2022. Os livros com este tema e cujas capas encontram-se no Anexo 1 deste documento, são: "Sir Dog e seus Aumigos e Miaumigos contra a Covid-19: uma série para mini cientistas", "Aprendendo com Nico e Nina sobre vírus e vacinas", "Coronabook: Olá, meu nome é SARS-CoV-2, vamos conhecer a minha história?", "Aqui não, Corona! A história do vírus que mudou a nossa vida" e "Juntos contra o Coronavírus". Alguns destes livros foram produzidos em disciplinas de Biossegurança, na modalidade EaD-emergencial. A pandemia incentivou e acelerou este processo de difusão de literatura infantil produzida pela universidade, com a necessidade de informação de qualidade para o público infantil que, por motivos de pandemia, sofreram muito diretamente com o impacto do isolamento e desinformação. Não apenas uma informação acurada era necessária, mas uma informação pensada e produzida para atingir o público infantil.

Além do tema do coronavírus, na editora com o maior número de livros infantis disponíveis, a Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA), conta com livros sobre o câncer infanto-juvenil, vírus ebola, como higienizar corretamente as mãos, saúde única e meio ambiente e como identificar plantas tóxicas em casa. Um selo apenas para livros infantis – denominado – Castelinho de Livros –, foi criado a partir de um programa de extensão da UFCSPA para produção de livros infantis relacionados à saúde pela comunidade acadêmica, o que se reflete na maior quantidade de livros publicados. Quando se tem um selo ou um programa específico

para este destino, a tendência é a produção se avolumar, pois a procura e divulgação das obras também é intensificada.

Contudo, não apenas livros infantis informativos foram produzidos pelas editoras universitárias, títulos literários também, como: "A Borboleta e a árvore desencantada", "A menina que fez carinho na lua", "Abelardo e o Curupira" e "As cores de Tó", este último foi o vencedor do 4º Prêmio Ufes de Literatura na modalidade literatura infantil. "As cores de Tó", por exemplo, conta a história de uma criança que, em meio às mazelas de uma guerra no Sudão do Sul, via o mundo cinza, sem cores, sem brilho e sem gentileza e descobre uma realidade muito diferente daquela vivida anteriormente.

Por fim, destaca-se que os dados coletados e apresentados através das diferentes planilhas construídas podem servir de base para outras pesquisas reflexões e relatos, o que, de alguma forma, aponta para uma pequena contribuição da presente pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inicialmente, destaca-se que os resultados aqui apresentados não dão conta de um mapeamento total das produções realizadas no campo pelas universidades públicas, uma vez que foi necessário definir recortes e bases de dados específicas como, por exemplo, as editoras universitárias que se restringiram às associadas à ABEU. A intenção não é fechar um debate neste trabalho, mas sim abrir frentes para continuar a investigar o tema.

Foram identificados 41 grupos de pesquisa distribuídos por todo o país que se propõem a construir e desempenhar um trabalho continuado em relação às discussões acerca do tema literatura infantil, livro infantil, leitura. O que se encontrou representa um número expressivo, de característica multidisciplinar, que englobou as áreas do conhecimento como Letras, Artes, Educação, Desenho Industrial, Linguística, Comunicação e Ciência da Informação. Esse panorama ilustra o quão pulverizada se tece a pesquisa no campo, o que, de outro viés, pode significar diferentes abordagens que discutem perspectivas diferentes acerca do tema, o que pode ser bastante positivo.

Quanto aos livros produzidos a partir dessas pesquisas, manifesta-se aqui o desejo de que as Universidades Públicas possam produzir cada vez mais livros voltados para as infâncias e que os mesmos sejam distribuídos de forma gratuita, permitindo que um número crescente de crianças tenha acesso a essas produções. Embora a qualidade técnica dos objetos livrescos não tenha sido pauta das discussões aqui pretendidas, destaca-se que pesquisas com equipes multidisciplinares podem colaborar com o aperfeiçoamento dos livros publicados, sobretudo do ponto de vista gráfico-visual.

É a partir da construção de políticas públicas e saberes direcionados ao público infantil, seja por meio de livros didáticos ou literários, que se possibilita a construção de uma realidade diferente.

Quanto aos projetos de extensão, que a pesquisa tinha como pretensão alcançar dentro dos grupos de pesquisa, não foi identificado, através da metodologia aqui trabalhada, nenhum projeto de extensão. Contudo, foi mapeado, através da busca pelos livros infantis nas Editoras Universitárias, um projeto de extensão,

intitulado “Castelinho Livros”. Um indicativo que os projetos de extensão neste tema existem, porém o método de encontrá-los não necessariamente partiriam dos grupos de pesquisa, como foi o caso.

A pesquisa se propôs a dar visibilidade ao tema de literatura infantil, incluir às crianças e suas infâncias, como sua presença indireta, e quanto à produção de conhecimento acadêmico sobre a realidade da produção sobre livros infantis nas universidades e às pesquisas produzidas pela comunidade. Ao longo do processo de pesquisa, foi identificado a ausência de pesquisas e trabalhos acadêmicos publicados que se dispusessem a analisar o catálogo produzido pelas universidades. Este fator indica a necessidade de um maior envolvimento da academia com a temática de livros infantis produzidos e pesquisados pelas universidades, que sejam acessíveis e disponíveis, cujo público-alvo possa usufruir desse conhecimento, que antes era disponível apenas para os adultos, para essa classe geracional.

Afirma-se o incentivo às pesquisas futuras que possam analisar profundamente a temática dos livros infantis de literatura brasileira produzida por universidades públicas, que sejam capazes de atingir as respostas quanto à correlação entre a região em que a ciência foi produzida com a temática em questão, os assuntos mais procurados e acessados quando trata-se destes livros, o perfil dos consumidores de livros infantis produzidos por editoras universitárias.

REFERÊNCIAS

ABREU, L. **Formação e produção acadêmica:** o papel das editoras universitárias. Estudos Ibero-Americanos, Porto Alegre, v. 45, n. 2, p. 163-173, maio-ago, 2019.

ANDRADE, L. **Educação infantil:** discurso, legislação e práticas institucionais [online]. São Paulo: UNESP, 2010.

ARIÈS, P. **História social da criança e da família.** Rio de Janeiro: LTC; 1981.

ARROYO, L. **Literatura infantil brasileira:** ensaio de preliminares para sua história e fontes. São Paulo: Melhoramentos; 1968.

AZEVEDO, A. in SOUSA, Carlos Mendes de; PATRÍCIO, Rita, [org.] - **Largo mundo alumiado:** estudos em homenagem a Vítor Aguiar e Silva. Braga: Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho, 2004.

BARBOSA, Adriza Santos Silva; DOS SANTOS, João Diógenes Ferreira. Infância ou infâncias?. **Revista Linhas.** Florianópolis, v. 18, n. 38, p. 245-263, set./dez. 2017.

- BORDINI, M. G. A literatura infantil nos anos 80. *In*: SERRA, Elizabeth D'Angelo (org.). **30 anos de literatura para crianças e jovens**: algumas leituras. Campinas: Mercado de Letras, 1998.
- BUCKINGHAM, D. **Crescer na Era das Mídias Eletrônicas**. São Paulo: Edições Loyola, 2007.
- BUFREM, L. S. **Editoras Universitárias no Brasil**. São Paulo: EDUSP: Com-Arte; Curitiba: UFPR, 2001.
- BUJES, M. I. Escola infantil: pra que te quero? *In*: CRAIDY, Carmem Maria; KAERCHER, Gládis Elise P. da Silva (Org.). **Educação infantil**: pra que te quero? 1a. ed. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- CACETE, N. **Breve história do ensino superior brasileiro e da formação de professores para a escola secundária**. Educ. Pesqui, São Paulo, 2014.
- CANDIDO, A. **O direito à literatura**. *In*: Candido A, ed. Vários escritos. São Paulo: Ouro sobre azul, 2011.
- CASTRO, Maria das Graças Monteiro. **O livro como indicador de produção e produtividade acadêmica**: a política de publicação das Editoras Universitárias Brasileiras. Revista Verbo – Associação Brasileira de Editoras Universitárias, set. 2013.
- CHARTIER, R. **A história cultural**: entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- CHARTIER, R. **A ordem dos livros**: leitores autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Brasília, Ed. UNB, 1994.
- CHARTIER, A. **Leitura escolar**: entre pedagogia e sociologia. Revista Brasileira de Educação [online], 1995.
- DEL PRIORE, Mary. **História das crianças no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2013.
- DENZIN, N. K., LINCOLN, Y. S. **O planejamento da pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Penso, 2006.
- DIAS, Sabrina da Costa. A emergência da sociologia da infância: rupturas conceituais no campo da sociologia e os paradoxos da infância na contemporaneidade. **Veras**, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 63-80, 2012.
- DONATO, D; SILVA, V. **Resenha de Sociologia da Leitura**. Letrônica, Porto Alegre, 2013.
- ECO, U. **Lector in Fabula**. São Paulo: Perspectiva, 1988.
- FERREIRA, NSA. **Livros infantis**: uma estratégia editorial. *In*: Ferreira NSA, org. Livros, catálogos, revistas e sites para o universo escolar. Campinas: Mercado de Letras/Associação de Leitura do Brasil; 2006. p.137-52.

- FONSECA, J.J.S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 51ed. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 2011.
- FREIRE, P. 1921-1997. **A importância do ato de ler: em três artigos que se complementam**. São Paulo: Cortez, 2022.
- GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, T. D. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.
- GIL, A.C. **Métodos e técnicas da pesquisa social**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- GIRALDO, J. I. F. Dilemas Globales em la Formación de las Editoriales Universitarias. *In:Edición Universitaria en América Latina: debates, retos, experiencias*. Bogotá: Editorial Universidad del Rosario, 2011. p. 73-86.
- GUEDES, Maria do Carmo; PEREIRA, Maria Eliza Mazzilli. **Editoras Universitárias – uma contribuição à indústria ou à artesanía cultural?** São Paulo em Perspectiva, v. 14, n. 1, 2000.
- JAUSS, H. **Petite apologie de l'expérience esthétique** Em: Pour une esthétique de la réception. Paris: Gallimard, 1978.
- KLEIN, Lígia Regina. Cadê a criança do Ariès que estava aqui? A fábrica comeu... In: SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”, 9, João Pessoa, 2012. **Anais...** João Pessoa: UFPB, 2012. ISBN 978-85-7745- 551-5.
- LAFARGE, C., SEGRÉ, M. **Sociologia da leitura**. Tradução: Mauro Gama. Cotia: Ateliê Editorial, 2010.
- LAJOLO, M. e Zilberman, R. **Literatura infantil brasileira: história e histórias**. Editora Ática S.A, 2.ed. 1985.
- LAJOLO, M. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 6ª ed. 13ª impressão. São Paulo: Editora Ática, 2008.
- LAJOLO, M.; ZILBERMAN, R. **Literatura infantil brasileira: uma nova outra história**. Curitiba: PUCPress, 2017.
- MALTA, R; FLEXOR, C; COSTA, A. **Uma nova velha história: sobre censura e literatura LGBT+**. Estud. lit. bras. contemp., Brasília, n. 61, e6110, 2020.
- MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- MANGUEL, Alberto (2018). Ler é um ato de poder. Vídeo (5m34s). Publicado no *site* Fronteiras do Pensamento. Disponível em: <https://www.fronteiras.com/videos/ler-e-um-ato-de-poder>. Acesso em: 24 fev. 2020.

- MARCONI, M; LAKATOS, E. **Fundamentos da metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2003.
- MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**. Pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: HUCITEC, 2007.
- MORAES, C.; LAJOLO, M. **A expansão da literatura infantil**. In: BASTOS, Dau (org.). *Ana & Ruth*. Rio de Janeiro: Salamandra, 1985.
- MORTATTI, M. R. **Literatura infantil e/ou juvenil: a 'prima pobre' da pesquisa em Letras?**. Guavira Letras, 2008.
- MORTATTI, M.R., OLIVEIRA, F.R. **Produção acadêmica brasileira sobre literatura infantil (1970-2016): desafios de um campo em constituição**. In: SILVA, M.C., and BERTOLETTI, E.N.M., orgs. *Literatura, leitura e educação* (online). Rio de Janeiro: EDUERJ, 2017.
- Othon, R. **Infância conectada: contextos, práticas e sentidos de crianças nas redes sociais online**. Renata Othon. São Paulo: Pimenta Cultural, 2021.
- PAIVA, A. P. Livro-brinquedo, muito prazer. In: SOUZA, R. J.; FEBA, B. **Leitura literária na escola. Reflexões e propostas na perspectiva do letramento**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2011.
- PETIT, M. **A leitura em espaço em crise**. Revista Brasileira de Psicanálise. 2006;40(3):149-67.
- PINTO, M., SARMENTO, M. J. (Coords.) **As Crianças: contextos e identidades**. Braga: Centro de Estudos da Criança/Universidade do Minho, 1997.
- QVORTRUP, Jens. A infância enquanto categoria estrutural. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 36, n. 2, p. 631-643, maio/ago., 2010.
- RODRIGUES, E. B. T. **Cultura, arte e contação de histórias**. Goiânia, 2005.
- SANCHEZ CORRAL, Luís. **Literatura infantil y lenguaje literario**, Barcelona-Buenos Aires-México: Paidós, 1995.
- SILVA, H. **Um olhar sob a leitura**. Itinerários, Araraquara, n. 13, 1998.
- SOARES, M. **Alfabetização no Brasil: o estado do conhecimento**. Brasília: Inep Reduc, 1989.
- ZILBERMAN, R. **Literatura infantil: livro, leitura, leitor**. In: Zilberman R, org. *A produção cultural para a criança*. Porto Alegre: Mercado Aberto; 1990.

APÊNDICE 1

Temática dos livros infantis gratuitos por DIP: (Dados internacionais de Catalogação na Publicação - DIP)	
Biografia	Literatura infantil
Botânica aplicada	Literatura infantil
Cartilha	Literatura infantil
Comunidades ribeirinhas	Literatura infantil
Contos	Literatura infantil
Contos	Literatura infantil
Coronavírus	Literatura infantojuvenil
Coronavírus	Literatura infantojuvenil
Coronavírus	Literatura infantojuvenil
Coronavírus	Literatura infantojuvenil
COVID	Literatura infantojuvenil
COVID	Literatura infantojuvenil
COVID	Literatura infantojuvenil
COVID	Literatura infantojuvenil
Crianças	Literatura infantojuvenil

Descrições de viagens	Literatura infantojuvenil
Doença de Hodgkin	Literatura infantojuvenil brasileira
Doenças	Literatura infantojuvenil brasileira
Ebolavirus	Literatura infantojuvenil brasileira
Educação em saúde	Medulaloblastoma
Educação inclusiva	Meio ambiente
Educação infantil	Microbiologia
Educação não-formal	Neoplasias do Sistema Nervoso Central
Ensino - meios auxiliares	Neuroblastoma
Ensino fundamental	Oncologia
Ensino - meios auxiliares	Osteossarcoma
Epidemia	Pandemia
Epidemias	Pandemia
Epidemiologia	Paulo Freire
Estresse	Pediatria
Estresse	Plantas tóxicas
Estresse	Poesia
Estudos literários comparativos	Poesia

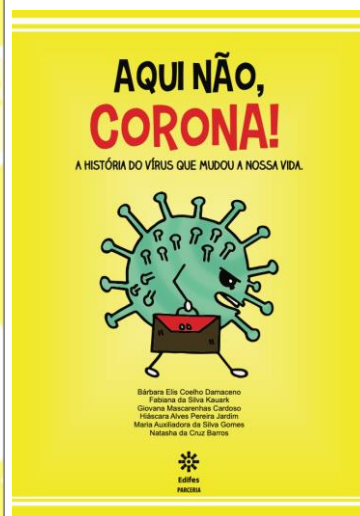
Família	Poesia – Ecologia
Higiene das mãos	Poesia – Música
Infecções por Coronavírus	Poesia brasileira
Infecções por Coronavírus	Prevenção
Institutos federais de educação, ciência e tecnologia	Prevenção de doenças
Isolamento	Promoção da saúde
Leucemia	Promoção da saúde
Linfoma não Hodgkin	Psicologia
Literatura	Psicologia
Literatura brasileira	Psicologia
Literatura brasileira	Retinoblastoma
Literatura brasileira	SARS-CoV
Literatura brasileira	Saúde mental
Literatura brasileira	Saúde mental
Literatura brasileira	Saúde pública
Literatura brasileira	Saúde única
Literatura brasileira	Toxicologia
Literatura infantil	Tratamento Farmacológico

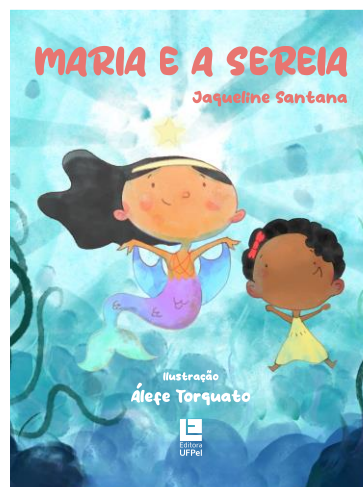
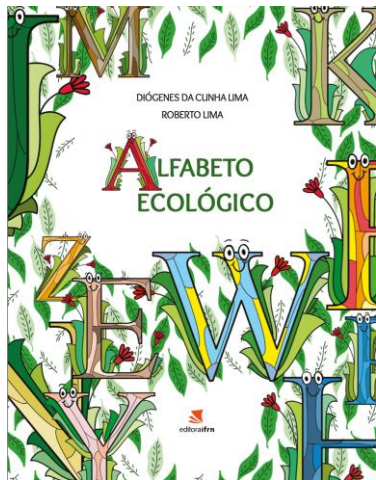
Literatura infantil	Tumor de Wilms
Literatura infantil	Vacinas
Literatura infantil	Vacinas
Literatura infantil	Virologia
Literatura infantil	Virologia
Literatura infantil	Virus
Literatura infantil	Virus
Literatura infantil	

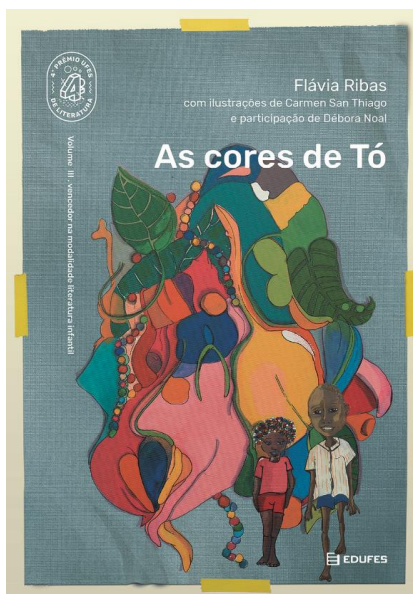
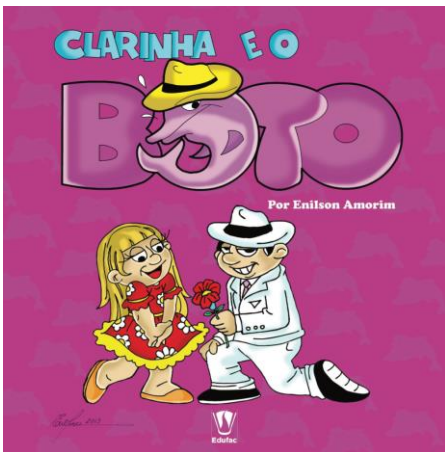
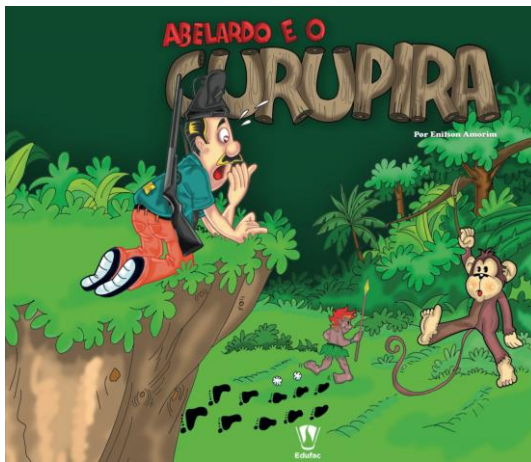
ANEXO 1

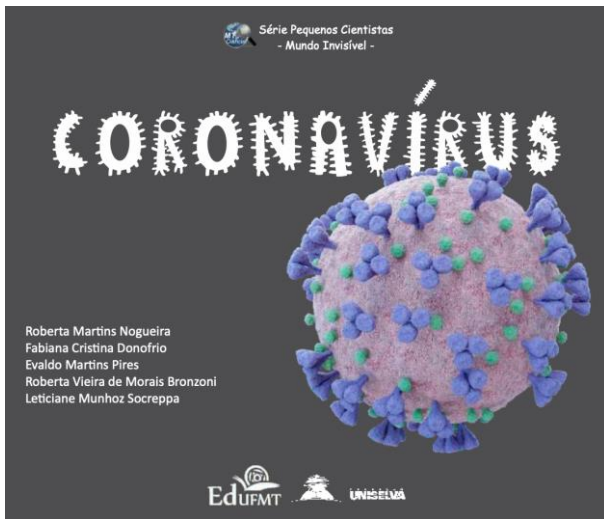
Capas dos livros infantis mapeados nesta pesquisa.

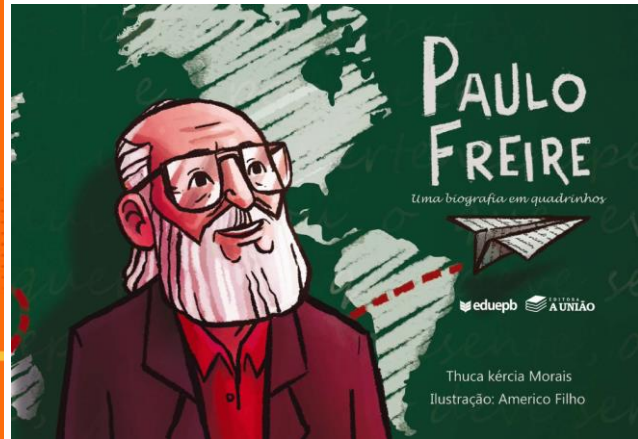
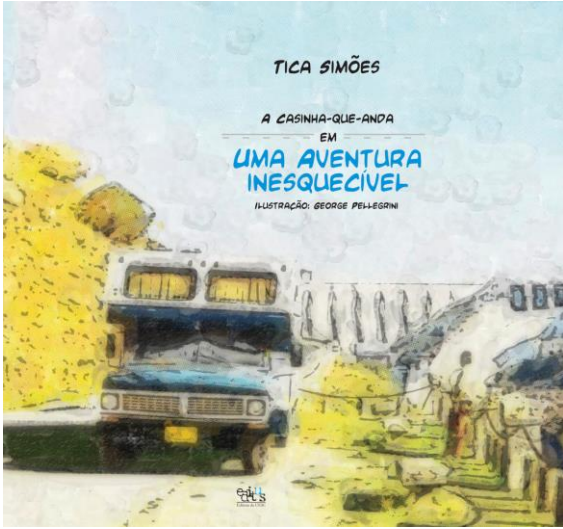








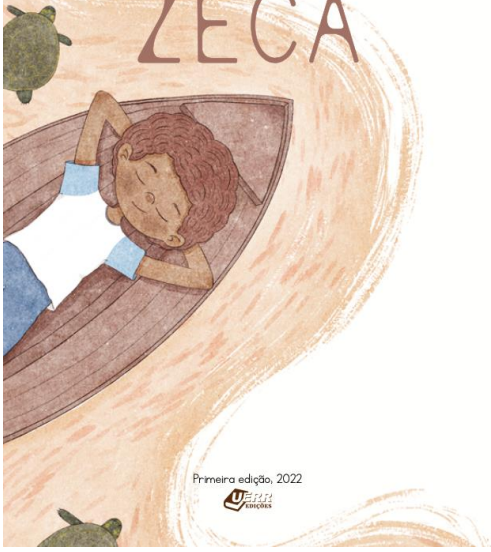




JULIANE MARQUES DE SOUZA
THIAGO JOSÉ COSTA-ALVES

MARIANA SIQUEIRA

ZECA



Primeira edição, 2022

